

RESÍDUOS LUSITANOS NA POESIA DE RAQUEL NAVEIRA¹

Mary Nascimento da Silva Leitão²

Elizabeth Dias Martins³

Roberto Pontes⁴

RESUMO: Na produção literária da poeta sul-mato-grossense Raquel Naveira é possível identificar diferentes marcas da cultura portuguesa, sobretudo nos textos poéticos. Os traços observados são resíduos de tempos e espaços portugueses que marcaram o estilo da autora, contribuindo para que a hibridação cultural ocupasse grande parte de sua obra. A partir dos parâmetros norteadores da teoria da residualidade (PONTES, 1999), este artigo pretende ilustrar as características comprovadoras do entrecruzamento cultural mencionado. Assim, as discussões realizadas por Peter Burke (2006) e por Zilá Bernd (2004) acerca do tema são imprescindíveis ao presente estudo. Compreende-se, a partir da leitura dos textos naveirianos, a proximidade existente entre a autora e a tradição lusitana. Essa relação une indivíduo e cultura de tal modo que é possível notar o processo endocultural que construiu, e ainda constrói, a identidade da poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura portuguesa; Hibridismo cultural; Residualidade; Poesia.

ABSTRACT: In the literary production of the poet Raquel Naveira from Mato Grosso do Sul, it is possible to identify different marks of Portuguese culture, especially in poetic texts. The observed traits are residues of Portuguese times and spaces that marked the author's style, contributing to the cultural hybridization occupying much of her work. From the guiding parameters of the residuality theory (PONTES, 1999), this article intends to illustrate the verifying characteristics of the mentioned cultural intercross. Thus, the discussions held by Peter Burke (2006) and Zilá Bernd (2004) about the subject are essential to the present study. It is understood, from the reading of the Naveira's texts, the proximity between the author and the Lusitanian tradition. This relationship unites individual and culture in such a way that it is possible to notice an endocultural process that built, and still builds, the identity of the poet.

KEYWORDS: Cultural Hybridism. Portuguese Culture. Residuality; Poetry.

1. Introdução

A escrita de Raquel Naveira contém inúmeras referências à cultura portuguesa. Exemplo disso, encontramos em *Fiandeira* (1992), no tópico “Impressões de viagem”. Nele, há um ensaio poético⁵, intitulado “Portugal”, em que a autora afirma o seguinte: “Um grande dom do Espírito aos homens de boa vontade é o conhecimento próprio, condição da humildade, base de todo o

¹ Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada *Construção de identidade na produção residual de Raquel Naveira*, de Mary Nascimento da Silva Leitão, orientação iniciada pelo prof. Roberto Pontes e concluída por Elizabeth Dias Martins. Foi defendida e aprovada em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora temporária da mesma universidade.

³ Crítica e ensaísta. Doutora em Letras pela PUC- Rio. Professora associada da Universidade Federal do Ceará.

⁴ Poeta, crítico, ensaísta. Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Rio. Professor da Universidade Federal do Ceará - Cátedra UNESCO/FACED-UFC. Pesquisador/Líder do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural do Diretório de Pesquisas do CNPq. Membro efetivo do PEN Clube do Brasil.

⁵ Chamamos “ensaio poético” o gênero híbrido, bastante usado por Raquel Naveira, que mistura ensaios e poemas.

nosso edifício espiritual. Ter ido a Portugal foi importante para que eu me conhecesse, para que eu sondasse minhas raízes, minha origem” (NAVEIRA, 1992, p. 83). A essência portuguesa da escritora sul-mato-grossense se comprovou neste trecho. Para ela, conhecer o outro lugar que tanto influenciou seus hábitos e costumes, foi conhecer a si. Isso comprova o quanto a mistura cultural é importante na formação de um indivíduo. No caso de Raquel, como poeta, observamos marcas portuguesas presentes em seus textos, como é possível verificar nos versos a seguir⁶:

Quero especiarias da Índia:
Cravo, noz-moscada,
Pimenta na língua,
Tecidos preciosos
Para roupas de talhe certo.

Meu sangue lusitano
Anseia pelo oceano.

(NAVEIRA, 1992, p. 84)

O poema surgiu, segundo a autora, “à beira do Tejo, entre a Torre de Belém e o Padrão dos descobrimentos” (NAVEIRA, 1992, p.84), foi nesse momento que ela sentiu correr em suas veias “o vigoroso sangue lusitano” (idem). A hibridação cultural se manifesta nos próprios sentimentos de Raquel, que ao observar Portugal e os elementos representativos do momento áureo das descobertas lusitanas, a fez construir um poema que agrega diferentes culturas. Ao nos reportarmos a este termo, estamos cientes de que a sua definição já foi modificada e ampliada pelos diversos campos de estudos ao longo dos anos. A sua plurissignificação contribuiu para o surgimento de estudos acerca do entrecruzamento de culturas, dentre os quais está o aprofundamento da noção de hibridismo cultural.

2. Hibridação cultural: perspectivas temporais e espaciais

A concepção de hibridismo cultural vem sendo explorada pela crítica pós-moderna que, segundo Zilá Bernd, “ênfatisa acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso” (BERND, 2004, p.100). Tal ideia busca a quebra de uma perspectiva homogeneizante, valorizando o pensamento de que a identidade é um constante processo de construção e desconstrução. É possível identificar este pensamento nas entrelinhas do poema “Ruínas”, citado por Raquel Naveira ainda no seu ensaio poético “Portugal”:

Quem terá pisado nestas pedras?
Tocado esses muros?

⁶ Os versos citados estão inseridos no ensaio “Portugal”, no livro *Fiandeira* (1992), e não têm título.

Sofrido nestas prisões?

Em tudo há vozes,
Ecos,
Confabulações.

Ferro,
Fogo,
Muitos brasões.

Rostos pálidos em camafeus,
Em astros,
Em medalhões.

Palavras portuguesas na prosa,
Nos azulejos,
Nos versos de Camões.

Mensagens secretas em livros,
Em mares,
Em porões.

Amores sufocados por lenços,
Por desconfortos,
Por pequenos senões.

Fantasma
Que ainda choram,
Ainda vivem
Nestes salões.

(NAVEIRA, 1992, p. 85)

A hibridação é aclarada pela própria escritora ao dizer: “com minha intuição misturei nuances de Portugal e de Ouro Preto, nossa cidade colonial mineira, berço do Arcadismo, no poema ‘Ruínas’”. (NAVEIRA, 1992, p. 85). O texto se inicia com questionamentos que conduzem o leitor a refletir sobre elementos espaciais e temporais. A ideia é, a partir da imaginação, construir a figura das pessoas que passaram por ali. E assim resgata-se também outro tempo, outra realidade, outro modo de vida. A presença de aliterações e assonâncias marcam visualmente as estrofes seguintes: “Ferro/ Fogo”, “Em astros/ Em medalhões”, “Nos azulejos/ Nos versos de Camões”, “Em mares,/ Em porões”, “Por desconfortos,/ Por pequenos senões”. Essas figuras apresentam sonoridade e ritmo que dão ao poema um tom de repetição, mas não se trata de reincidência apenas formal, na realidade, temos também uma retomada histórica, que faz com que vejamos em Minas Gerais a essência portuguesa dominando o cenário, fazendo-nos lembrar a história brasileira. Não é à toa que o eu poético finaliza o texto citando os “Fantasma/ Que ainda choram/ Ainda vivem/ Nestes salões”. A presença espiritual dos que sofreram naquele lugar é motivada pelo

espaço físico, que naturalmente aponta para o passado, para um período cujas lembranças permeiam a identidade dos indivíduos de uma nação.

Assim ocorreu com Raquel Naveira, que tocada por elementos culturais, tanto de seu país quanto de Portugal, escreveu textos híbridos representativos de um sentimento da coletividade. Ainda sobre os pensamentos motivadores da construção do poema citado, a escritora afirma: “Tateando por essas ruínas atávicas, compreendi que não poderia ser diferente do que sou, reconheci e aceitei a minha alma de poeta, sufocada por estranha sensação de saudade” (NAVEIRA, 1992, p.85). A compreensão de si, por parte de Raquel Naveira, se deu em uma viagem por terras portuguesas, quando houve significativa identificação com os elementos representativos da cultura daquele país. Desde então, ela aceitou a essência portuguesa correndo em suas veias, e a constante presença do saudosismo em seus textos é a prova disso.

Peter Burke, em *Hibridismo cultural*, elucida a respeito de um “*continuum* cultural”, defendido por Jean-Loup Amselle, no livro *Logiques métisses* (1990): “Amselle, especialista em África Ocidental, defende que não existem coisas como tribos, como fulas ou bambaras. Não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural” (BURKE, 2006, p.2). Não há como afirmar, por exemplo, onde uma língua começa e outra termina nas regiões das fronteiras. Portanto, as línguas, as músicas, os ritos, as manifestações literárias, os usos arquitetônicos de uma cidade nos dias de hoje não podem ser limitados a uma identidade homogênea, já que traços culturais estão em constante entrecruzamento. Observe-se que essa concepção também é um modo de hibridismo. E na obra de Raquel Naveira, a imagem da fronteira surge em muitos poemas, como é o caso de “Comunicação”, do livro *Guerra entre irmãos* (1993), do qual apresentamos o trecho a seguir:

Nesta guerra as línguas se fundem,
Amalgam-se
Com desenhos singelos
Em vasilhames úmidos,
Como saliva no pântano das bocas:
Língua portuguesa,
Galega,
Galaica,
Com gotas do Tejo e do Minho,
Aroma de carvalho e vinho,
Lirismos de amor e amigo;
Língua espanhola,
Andaluza,
Castelhana,
De termos árabes,
Trazida nas caravelas de Colombo,
Perpetuada nos sonhos de Dom Quixote;
Língua Guarani,

Língua sagrada do tronco tupi,
Espalhada pelo Paraguai,
Por Corrientes,
Pelas cabanas de grossos paus
Cobertos de barro.

(NAVEIRA, 1993, p.27-28)

O eu poético de “Comunicação” aborda o entrecruzamento não só das línguas que se encontram em momento de batalha, mas aponta para o processo de formação delas. Assim, metaforicamente, diferentes idiomas se unem dentro de um mesmo recipiente como se os sons fossem reproduzidos a partir da união das salivas. Ao citar as línguas portuguesa, galega e galaica, como parte de uma mesma essência, o enunciador aponta para os elementos residuais observáveis, por exemplo, nas “gotas do Tejo e do Minho”, resgatando-se, assim, a ideia de que os referidos idiomas se identificam pelos traços lusitanos que lhes são característicos. O mesmo acontece com as línguas espanhola, andaluza e castelhana, de “termos árabes”, que foram trazidas “nas caravelas de Colombo” e perpetuadas “nos sonhos de Dom Quixote”. Não é por acaso que o eu poético afirma que “nesta guerra as línguas se fundem”.

Um dos elementos mais marcantes da identidade de um povo é, sem dúvida, a sua língua. E nota-se isso claramente no poema de Raquel. A sobreposição de vozes, as “ordens imperativas”, “os sussurros” apontam tanto para o modo de utilização da língua, em suas diferentes manifestações, como suscita a reflexão sobre a imposição de uma cultura sobre a outra, a partir desse processo comunicativo. A palavra é difundida em diferentes suportes: “cartas seladas”, “asas de beija-flores”, “casca de árvores” ou “folhas de fumo”. Em qualquer das situações ela alcança o outro, que expande a audição para entender a mensagem.

“Comunicação” ilustra a identificação entre as nações através do encontro das diferentes línguas. Essa mistura, além de deixar clara a ideia de continuidade cultural, já abordada, também se aproxima da concepção de mestiçagem ou miscigenação. Segundo o *Dicionário de Termos Históricos*, “podemos definir miscigenação, ou mestiçagem, como a mistura de seres humanos e de imaginários. Tal conceito é amplo e pode abranger tanto a chamada mestiçagem biológica, a mistura de raças, quanto a mestiçagem cultural, e suscita atualmente debates e controvérsias” (SILVA & SILVA, 2009, p.290).

Peter Burke diz que “toda inovação é uma espécie de adaptação e que encontros culturais encorajam a criatividade” (BURKE, 2006, p. 17). Todavia, há alguns aspectos que podem ser vistos de maneira negativa nesse processo de mistura. Um deles é a perda de tradições. Num processo de hibridação, muitas propriedades se perdem, deixando de existir – se é que um dia

existiu – o essencialismo cultural. Tal fato, certamente, afeta a própria concepção de identidade, já que esta envolve também esses conteúdos de tradição.

Quando analisamos o processo de mistura, que envolve tanto transformações quanto perdas, chegamos ao estudo do resíduo. Reportamo-nos ao(s) traço(s) cultural(is) que permaneceu(eram) vivo(s) em meio a uma transfiguração, a uma mistura, a uma união de elementos de identidades distintas. Não à toa o hibridismo cultural faz parte dos conceitos-base da teoria da residualidade⁷, justamente por trazer esse caráter de permanência e atualização, em meio a qualidades que vão se perdendo e/ou se modificando.

Esse conteúdo faz parte de uma tendência bem atual. Através dela podemos primeiramente enxergar, depois compreender, o modo como diversas manifestações culturais se apresentam no mundo contemporâneo. Isso não significa dizer que esse entrecruzamento não existia. Afinal, ele faz parte da ordem natural das coisas. O que é atual, na realidade, é o olhar sobre o hibridismo como algo espontâneo, como parte do desenvolvimento gradativo das sociedades.

Observemos, a partir do exemplo, que esse novo modo de ver as características de determinada cultura inevitavelmente contribui para que também aconteça uma mudança de olhar em relação ao passado. As diferentes eras históricas, por mais distantes que se encontrem da atualidade, estão a cada dia em processo de redescoberta. Os novos conceitos, as novas mentalidades, acabam por exigir dos especialistas uma leitura atualizada dessas épocas. E tudo isso afeta diversos âmbitos da sociedade: religião, música, etnia, culinária, espaços, dentre outros.

Não é difícil notar o quão complexo é considerar a unificação de uma cultura nacional. Se tomarmos como exemplo o Brasil, é simples identificarmos a grande variação de tradições, de crenças e de imaginários presentes nas diferentes regiões que compõem o cenário nacional. Dentro de cada região há ainda uma infinidade de variantes envolvendo os âmbitos culturais. Portanto, mesmo com a tentativa de nacionalização, a hibridação é inevitável. Faz parte do processo de desenvolvimento natural de cada país.

Ao falarmos de nacionalização, em primeira instância, surge em nossa mente um espaço limitado no qual tudo acontece e se mistura. Mas, além da natural mistura de culturas dentro de uma mesma nação, é preciso levar em conta as influências culturais de outros países que também ocupam um mesmo território.

Em “Helena, a violeira”, “Nacionalidade” e “Credo americano” identificamos a presença do hibridismo cultural, como fruto de um estudo residual, a partir de características específicas de

⁷ A teoria da residualidade propõe um estudo comparativo no âmbito da literatura e da cultura, averiguando traços de mentalidade de um tempo passado – seja próximo ou distante – que continuam vivos em obras literárias escritas posteriormente.

cada poema. Assim, nos detemos em traços de uma microestrutura que se fecha no próprio texto ao mesmo tempo em que se relacionam com fundamentos externos a ele. Trata-se de um estudo residual em primeira instância, ou de *primeiro grau*, que não tem o intuito de aprofundar as relações entre os textos de uma mesma obra, já que a ideia é focar na individualidade do texto em análise. Mas podemos também seguir por outro caminho e analisar num âmbito macroestrutural, por exemplo, a obra *Sangue Português*, publicada em 2012, em que Raquel Naveira realiza, no decorrer do livro, a construção da identidade portuguesa, a partir de poemas que unem culturas dos diversos continentes.

Não se trata de um poema que faz referência à mistura cultural, mas de um conjunto de textos que juntos constroem uma identidade híbrida, a identidade portuguesa. O título do livro já aponta para esse intuito. O sangue é a essência do ser humano, aquilo que dá vida. E o traço basilar da cultura portuguesa encontra-se, partindo dos textos naveirianos, na hibridação. É preciso recorrer à própria história para se compreender esse complexo.

A formação do povo brasileiro é um dos assuntos basilares de *Sangue Português*. E já no início do livro, encontramos um poema que enaltece a Língua Portuguesa e elenca sua origem composta:

LÍNGUA PORTUGUESA

Minha língua encosta
Na língua portuguesa
Meu pensamento reveste-se da forma
Ditada pelas normas
Da gramática portuguesa;
Ó língua galega!
Quisera dominar-te como águia.

Que o anjo de Portugal
Sobre em mim o espírito
De tua clareza rude,
Mostre tua força de carvalho,
Tua envergadura de choupo,
Teu cheiro de murta e eucalipto.

Que as tágides
Façam-me atravessar
O Cabo da Esperança,
O Cabo Verde,
O Cabo Não
Até chegar ao cerne de tua concisão.

Que a marquesa de Alorna
Dê-me o romantismo
Que orna as cantigas de amigo

Com pérolas de harmonia.

Que as colunas dos mosteiros
Passem para minhas veias
A lírica de Camões
E para meu paladar
O segredo das palavras,
Dos vinhos,
Dos grãos de aveia.

Que minha língua encoste
Na língua portuguesa
Hoje e sempre,
Aqui e além,
Que a minha poesia se erga,
Gótica e galaica
Como a torre de Belém!

(NAVEIRA, 2012, p.28-29)

O eu poético demonstra significativa intimidade com a Língua Portuguesa. Metaforicamente diz que sua língua toca na Língua Portuguesa. E tudo aquilo que produz enquanto linguagem, o faz de modo consciente, já que o seu “pensamento reveste-se de forma/ Ditada pelas normas/ Da gramática portuguesa”. Com isso, demonstra gosto e prazer em falar esse idioma que tem origem lusitana, e isso se comprova com a saudação do sexto verso. Daí o anseio de dominá-la como águia, ou seja, com poder e magnitude de quem voa alto, de quem alcança os céus.

Da segunda estrofe em diante, os versos se constroem ao modo de oração. Raquel Naveira enumerou vários desejos que convergem em direção ao domínio da Língua Portuguesa. Caminhando para referido objetivo, descrevem-se características do idioma encontráveis além da estrutura, além da forma. A presença do sentimentalismo envolto da subjetividade poética só enaltece a língua, sempre fazendo referência ao lugar de origem. O eu poético destaca a riqueza natural de Portugal, dando a ideia de que a natureza, a cultura e, automaticamente, a língua se misturam e se engradem.

A referência às tágides na terceira estrofe aponta para *Os Lusíadas*, de Camões, que as criou como se fossem as próprias ninfas da Antiguidade Clássica. Residualmente aponta-se tanto para um passado próximo quanto para um distante, deixando-nos entrever que a nossa essência é remota. E a alusão ao Cabo da Esperança, ao Cabo Verde e ao Cabo do Não deixam clara a presença do hibridismo cultural permeando a constituição da Língua Portuguesa. A mistura dos espaços africanos e lusitanos é a prova disso.

Na quarta estrofe, observa-se alusão à Marquesa de Alorna, poeta portuguesa do século XVIII. A ideia é pedir inspiração à escritora de uma era passada, assim como pediu às tágides e como pede a Camões na quinta estrofe. Os traços constituintes da história de Portugal são

constantemente retomados mostrando a significante e inevitável relação entre o conteúdo literário e o histórico. Apontam para elementos singulares daquele lugar que foi o berço de nossa língua e cultura. As cantigas de amigo, a lírica de Camões, as colunas dos mosteiros e a Torre de Belém são exemplos que demonstram a relação já abordada. A voz da poeta aparece na última estrofe, no momento final da oração poética, quando deseja que a sua poesia seja alta e superior, “gótica e galaica/ como a torre de Belém”.

De maneira didática, em nota de rodapé, a autora comenta logo depois desse poema a respeito do processo de formação da Língua Portuguesa. Encontramos, então, o relato do domínio da Península Ibérica pelos romanos, resultando na imposição da cultura e da língua latina. Apesar desta apresentar duas vertentes, a clássica e a vulgar, a que foi levada pelos romanos ao território ibérico foi a última. Do latim vulgar surgiram diversos dialetos, dentre eles o galeziano e o galaico-português:

A independência política de Portugal provocou também uma separação linguística. A variante portuguesa foi-se distanciando do galaico e se estabeleceu como língua independente.

A língua portuguesa se divide em dois períodos: o Arcaico, do século XII até o século XVI; Cantiga da Ribeirinha é o documento mais antigo escrito em português que se conhece. O Moderno, do século XVI em diante quando começou o Classicismo português.

Levado aos cinco continentes pelos portugueses conquistadores, a língua portuguesa se expandiu e hoje é uma das mais faladas do universo.

No Brasil, sofreu influência das línguas indígenas e africanas, que a enriqueceram (NAVEIRA, 2012, p.29-30).

É clara a hibridação cultural presente no processo de formação da Língua Portuguesa. A autora usa o termo “lusofonia” já no subtítulo do livro, para dar conta das diferentes identidades culturais das regiões que falam a Língua Portuguesa. Nessa perspectiva surgem poemas como “África”, “Visão de Angola”, “Neguinho de Guiné”, “Cabo Verde”, “Moçambique”, “Convite de São Tomé e Príncipe” e “Professor em Timor Leste”. Cada um com devidas referências de regiões específicas se unem para montar um complexo, demonstrando o quanto o sangue português descrito por Raquel Naveira apresenta-se híbrido⁸.

⁸ Roberto Pontes usou o termo “afrobrasiluso” para ilustrar o mesmo processo abordado por Raquel Naveira em *Sangue Portugêses*. Para o autor, o neologismo dá conta do entrecruzamento das três culturas, africana, brasileira e portuguesa, colocando cada uma no lugar que lhe cabe. Ao Brasil se destina o espaço central, o foco que acolhe tanto as características africanas, enriquecedoras de nossa cultura, quanto acolhe elementos lusitanos, que por serem traços do colonizador, acabam remetendo a perspectivas impostas. (PONTES, 1999, p. 162-167 - “Apêndice”). A expressão diz respeito à formação da identidade nacional. O modo de constituição da palavra ilustra o caráter híbrido de nossa cultura.

Cada um desses poemas focaliza somente o lugar indicado no título. Em geral, temos o enaltecimento da terra, a partir da descrição de suas belezas, assim como vemos, por exemplo, no trecho do “Convite de São Tomé e Príncipe”:

É um verdadeiro paraíso terrestre:
Areia dourada,
Matas selvagens,
Praias lindas,
Cheiro de terra molhada,
Roças de café e cacau;
A surpresa do pôr-do-sol
Que nada antecipe
Esse pequeno país,
Na linha do Equador,
Mexe como nossos sentimentos.

(NAVEIRA, 2012, p.87-88)

O poema é um convite ao leitor para conhecer São Tomé e Príncipe, que “é um estado insular localizado no Golfo da Guiné, composto por duas ilhas principais: São Tomé e Ilha do Príncipe e várias pequenas ilhas” (NAVEIRA, 2012, p.88). Desde o início do poema, já identificamos o chamado: “Você, turista,/ Alpinista,/ Surfista [...] Venha conhecer São Tomé e Príncipe”. A ideia é justamente destacar as riquezas naturais e as oportunidades de passeios que há no lugar. O mesmo acontece no poema “Cabo verde”:

Cabo Verde,
Mar azul,
Lua cheia,
Ilhas perdidas num canto do mundo,
Rochas escarpadas
Formando uma parede.

Cabo Verde
Dos navios naufragados,
Das antigas caravelas,
Dos corsários,
Dos escravos,
Dos feitores,
Dos fidalgos,
Do pescador solitário
Lançando a rede.

(NAVEIRA, 2012, p. 82)

Neste poema inicialmente resgatam-se as belezas naturais e em seguida os traços históricos. De um jeito ou de outro a ideia é apresentar o lugar, mostrar suas riquezas, sua essência, as marcas do passado.

Os dois poemas têm natureza descritiva e mostram imagens singulares dos países que foram colonizados pelos portugueses, mas que têm suas próprias histórias. Com estes exemplos queremos mostrar como se manifestaram, na obra *Sangue Português*, os resíduos de *segundo grau*. Individualmente os poemas não deixam transparecer o entrecruzamento cultural dos lugares descritos. O que vimos foi o destaque dado a cada país que, independente do processo colonizador, tem a sua beleza. Mas ao unir todos esses textos em uma única obra, com título que centraliza o conteúdo português, Raquel Naveira certamente apresenta a hibridação cultural notável nesse sangue poético lusitano. Ou seja, os espaços onde a Língua Portuguesa está em voga se unem em uma única obra em prol da construção de uma identidade. O conteúdo residual, no caso, não é visto em um poema específico, mas na totalidade de *Sangue Português*, que une Brasil, países africanos e Portugal pelos traços culturais que os identificam.

Ao longo da obra, Raquel Naveira além de ressaltar as diferentes culturas constituídas com interferência portuguesa, também retoma, constantemente, a própria essência de poeta motivada pelos conteúdos lusitanos. Ela assume o sangue português e frequentemente retoma o passado histórico lusitano, enfatizando a sua origem.

SANGUE PORTUGUÊS

Fiz jus
Ao meu sangue português,
Esse foi o meu fado:
Deixar o passado,
Arremeter-se contra o desconhecido,
Acima de minha pequenez.

Desejei tudo:
Uma nova estrela,
Uma nova sorte,
Atribuí ao fado
O meu cansaço
De alma forte.

Estaria morto,
Absorto em mim mesmo,
Se não tivesse partido;
Velas ao vento
Entre rosas e cruzes,
Viajei em busca do meu ideal,
Bem ou mal,
Não sei quando chegará minha hora,

Minha vez,
Mas sei que fiz jus
Ao meu sangue português.
(NAVEIRA, 2012, p.27)

O eu poético diz ter sangue português. O “fado”, no segundo verso, surge tanto feito alusão ao imaginário musical lusitano, que o tem como estilo de composição tradicional, como também faz referência aos acontecimentos do passado que os indivíduos relembram costumeiramente. Infere-se a presença do saudosismo, próprio do imaginário português, do início do século XX. Esse período de resgate do passado tem significativa importância para o enunciador que se sente pequeno diante dessa grandiosidade histórica.

O poema em análise, que também dá título à obra, aponta para o mote dessa produção literária naveiriana que sinaliza a todo instante para a sua essência híbrida. Trata-se de uma hibridação que está no sangue, nos sentimentos, nas heranças que atravessam gerações e acabam se enraizando nos atuais modos poéticos que se compõem nacionalmente.

Essa mistura de culturas abordada anteriormente muitas vezes surge nos poemas de Raquel como algo aparentemente uno, como é o caso destes versos inseridos no livro *Casa de Tecla*:

ALMA PORTUGUESA

Minha alma é portuguesa,
Com certeza,
Tenho ares de senhora do tempo antigo,
Visto-me de preto,
Vivo aqui,
Neste lugar para onde vieram meus avós,
Nunca vivi em outra parte.

Minha avó é portuguesa,
Com certeza,
Sou rouxinol
Que canta fados
Docemente,
Todo prazer
Transformo em mágoa.

Minha alma é portuguesa,
Com certeza,
Caminho entre frescas ervas
Em busca de vales,
Aldeias
E ribeiras.

Sempre choro
Ou estou pra chorar.
(NAVEIRA, 1998, p. 56)

“Alma portuguesa” carrega um sentimento que, mais adiante, Raquel Naveira vai retomar e aprofundar em *Sangue Português*. Esta obra, conforme abordamos há pouco, aponta para o entrecruzamento das culturas de Língua Portuguesa. E a constante citação desse tema foi o que nos motivou a iniciar a presente pesquisa, na tentativa de compreender se tal fato teria a ver com a própria herança familiar da autora, ou se seria uma essência arraigada a sua identidade brasileira.

Nos versos acima o eu poético assume de modo veemente a herança portuguesa. Contudo, além de se recuperar elementos culturais lusitanos, é possível identificar características de uma tradição que dialoga com a contemporaneidade. Ora, se o eu poético afirma ter uma alma portuguesa, acredita-se que o corpo, que caminha em conjunção com a alma, não o é. Caso contrário, não precisaria dar ênfase à identidade da alma. Acreditamos, claro, que seu corpo seja brasileiro. O corpo ilustra o físico interligado ao biológico. Partindo da ideia de que há certos elementos culturais⁹ que já se impregnam em nós desde o nascimento, é certo que o lugar onde se vive seja o responsável por moldar esse corpo. Já a essência, a alma, se adequaria a características mais subjetivas conforme as influências acolhidas de outras culturas, de outras pessoas, ligadas a outros imaginários.

Notemos que esse processo é o que anunciamos desde o início como parte inerente à formação de uma identidade, é a própria endoculturação. Todo indivíduo se transforma gradualmente segundo suas experiências, suas relações com o outro e com o mundo. As características da sociedade que cercam o indivíduo vão moldando cada sujeito. E é isso que veremos no tópico seguinte. Afinal, a endoculturação é parte intrínseca à identidade.

Em alguns momentos podemos ser comparados a um repositório de informações. Contudo, há pessoas que recebem mais ou menos dados ou conhecimentos. A apreensão dependerá do acesso à informação proporcionado a esse indivíduo, de seus objetivos pessoais, seus interesses etc. De qualquer modo, tudo isso vai influir diretamente na formação do sujeito, na construção de sua identidade:

A cultura humana se faz através da *endoculturação*, do “eu sou eu e minha circunstância” orteguiana. É que quando nascemos encontramos um mundo pronto: uma natureza preexistente desde bilhões de anos; homens que vão desaparecer no espaço de um século e outros que já desapareceram deixando rastros ou sem deixá-los; uma cultura (material e imaterial) que data pelo menos de quarenta mil anos. Pois bem, quando nascemos, não inventamos nada. Aprendemos tudo. E o fazemos através da *endoculturação*, que consiste em assimilarmos a cultura existente antes de nós a fim de que possamos sobreviver e sonhar (PONTES, 2014, p.21).

⁹ Os referidos elementos culturais estariam ligados, aqui, a algo mais concreto: vestimentas, estilo do cabelo, dialeto, etc.

Segundo Roberto Pontes (2006a - 2014)¹⁰, o que apreendemos é material culturalmente produzido por outros que vieram antes de nós. E assim nos misturamos e nos envolvemos de tal modo com esses elementos, que construímos a ilusão de sermos novos e diferentes seres, significativamente distintos de nossos antepassados.

A endoculturação acontece desde a infância, parte do contato familiar e continua a ocorrer nas diversas relações mantidas na escola, na Igreja, nos espaços de lazer e, mais adiante, no trabalho, na faculdade e nos espaços de interação profissional. Leiamos o poema “Explicação”, do livro *Portão de Ferro*, que apresenta metaforicamente a modificação vivenciada pelo eu poético da infância à fase adulta:

EXPLICAÇÃO

Quando criança
Usava trança
E tinha o ar patético
De quem se lança
No fundo do poço
Na esperança de encontrar um novo mundo.

Foi assim que penetrei na clareira de um bosque
Onde duendes conversavam
Em volta de uma fogueira,
Tinham orelhas pontudas,
Gorros compridos
Com pompons nas pontas;
Logo chegaram fadas
Com asas de libélula
E roupas que lembravam estranhas flores arroxeadas;
Quando perceberam que eu estava ali,
Uma intrusa,
Fizeram-me de musa
E me presentearam com vestidos lindos:
Um dourado como o sol,
Outro prateado como a lua,
E um terceiro, cintilante de estrelas.

É por isso que hoje
Conservo um sonho de princesa
Embolorado e cheio de sangue
No guarda-roupa.

(NAVEIRA, 2006, p. 42)

O imaginário infantil abordado no início do poema é descrito como um momento de pura ingenuidade, caracterizado pelo uso da trança no cabelo, que remete ao lúdico e ao mesmo tempo

¹⁰ O conceito de *endoculturação* já fora utilizado por Roberto Pontes em 2006, contudo, citamos um texto de 2014 por julgarmos mais completo e atualizado.

ao perfil feminino. A inocência é vista de modo negativo pelo eu poético, que diz ter a criança um “ar patético” quando se lança para as descobertas do mundo com esperança. O olhar do enunciador do discurso poético é de alguém já maduro que contempla o passado sob a ótica do presente.

Na segunda estrofe nos deparamos com a explicação do pensamento inicial, justificando-se o fato de se ter penetrado em um bosque cheio de seres imaginários. As imagens apresentadas remetem aos contos fantásticos. O eu poético, então, se encontra em meio a essa construção fantasiosa, envolvido pela ilusão proporcionada naquele momento da infância que alterna imagens positivas e negativas.

Tudo isso justifica o sentimento “atual” do eu lírico que conserva “um sonho de princesa”, mas “embolorado” e “cheio de sangue”. A ludicidade se mistura ao tenebroso e ao angustiante, de modo que todas as representações simbólicas deixam entrever algo obscuro por trás do imaginário infantil.

O poema resgata um dos clássicos contos dos Irmãos Grimm, “Pele de bicho”, que também tem uma variante intitulada “Pele de asno”, de Charles Perrault.

A aquisição cognitiva, parte do processo de endoculturação, pode ocorrer em diversos níveis, e sua mais básica organização pode considerar dois parâmetros: 1. A assimilação do conteúdo natural da cultura em que se vive, a partir do convívio com outros seres humanos; 2. A obtenção de conhecimento científico na escola, na faculdade, ou em cursos diversos. Os dois modos descritos levam a constituir um indivíduo sociocultural.

A propósito, vem ao caso destacar um trecho da dissertação de mestrado de Cássia Alves, na qual ela faz referência a esse processo:

Um indivíduo que nasce no Brasil, país com diversas religiões, mas que tem o catolicismo ainda como sua base, encara como feio todos os feitos que vão de encontro aos princípios da Igreja. Isso acontece porque cada ser humano acredita naquilo que lhe é repassado. É o que vem de fora pra dentro (SILVA, 2010, p.14).

Assim, cada indivíduo adapta o que lhe vem de “fora para dentro” de modo bem peculiar. Exemplo claro, vimos no tópico anterior no poema “Alma Portuguesa”, de Raquel Naveira. Ora, a afeição adquirida pela cultura portuguesa certamente aconteceu de modo natural ao longo de sua vida. As influências recebidas da família, bem como o contato direto com elementos daquela cultura, contribuíram para que brotasse a essência que constitui a identidade da autora.

3. Considerações finais

A importância da literatura no processo de formação cultural é inquestionável. Assim, no que se refere à endoculturação, a Literatura desempenha papel de destaque, já que contribui para o conhecimento do mundo. Através da Literatura podemos ampliar nossa bagagem de conhecimento científico e dos diversos modos de olhar e de perceber o ser humano. Segundo Roberto Pontes:

Faz-se indispensável pensar a Literatura antes de tudo como *poiésis*, um fazer inventivo, cujas raízes estão arraigadas na sociedade e na cultura humanas, de modo a não haver quem consiga extirpá-la de seu meio natural sem sobrevir o perigo de pôr-se a sociedade e a própria humanidade sob grave risco de involução, até mesmo de depauperamento progressivo e de extinção (PONTES, 2005, p.3)

Portanto, a Literatura é necessária à sociedade. Ela contribui com a sua evolução. Dentre os múltiplos campos do saber podemos dizer que ela é uma das áreas que mais abre caminho e mais permite relações com as outras áreas do conhecimento. E se estamos utilizando a residualidade, isso se torna ainda mais forte, pois ela nos dá parâmetros para alcançar as outras ciências e apreender delas elementos que certamente mudarão nosso modo de ver as coisas.

Portanto, embora a endoculturação tenha sido incorporada à teoria da residualidade posteriormente à sua sistematização, faz parte da mesma linha de pensamento. Isso porque a todo instante, nós, como sujeitos, estamos naturalmente assimilando resíduos de outros grupos sociais para acrescentar ao nosso. E essa contribuição que vem de outras culturas, e/ou de outros tempos através de uma herança familiar, por exemplo, se cristaliza em nosso modo de ser e agir, fazendo-nos seres residuais e híbridos. Contudo, o processo que ocorre nas culturas, e na sociedade em geral, a que chamamos de hibridismo ou hibridação cultural, quando analisado individualmente, a partir da integração do ser humano com o mundo, consiste na endoculturação. Podemos dizer, então, se nos valermos de cada termo isoladamente, que a hibridação está para a cultura assim como a endoculturação está para o indivíduo.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. O conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA, B. (org). *Margens da Cultura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Fortaleza: Edições UFC, 1999.

PONTES, Roberto. *Literatura, instrumento de construção do mundo*. Conferência proferida na abertura dos Encontros Literários do Departamento de Literatura do Curso de Letras, e na série de Magnas Conferências da Semana de Humanidades do CH: Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 30 de março de 2005/28 de abril de 2005.

PONTES, Roberto. “A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade”. Conferência proferida na VII Jornada de Residualidade, 2014, Fortaleza-CE. In: PONTES; MARTINS; CERQUEIRA; NASCIMENTO. (Orgs.). *Residualidade e intertemporalidade*. Curitiba: CRV, 2017. p. 13-18.

NAVEIRA, Raquel. *Casa de Tecla*. São Paulo/SP: Escrituras, 1998.

NAVEIRA, Raquel. *Fiandeira*. Ensaios. Estação Liberdade: São Paulo/SP, 1992.

NAVEIRA, Raquel. *Guerra entre irmãos: Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*. Campo Grande/MS: Edição independente, 1993.

NAVEIRA, Raquel. *Portão de Ferro*. São Paulo. Escrituras: 2006.

NAVEIRA, Raquel. *Sangue Português: raízes, formação, lusofonia/ poemas*. São Paulo: Arte e Ciência: 2012.

SILVA, Cássia Alves da. *O grotesco: resíduos medievais no cordel de metamorfose contemporâneo*. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de termos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em: 28/12/2019
Aprovado em: 14/03/2020
Publicado em: 12/06/2020